

SÁBADO, 10 DE OUTUBRO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2104

República de assassinos!

Mais um deportado que tomba, vitimado pelo ódio dos políticos que têm uma noção de justiça mais primitiva que a dos selvagens e um instinto mais perverso que o dos criminosos!

Nas plagas ardentes da Guiné morreu um operário que nunca foi bombista e já mais cometeu um acto que pudesse justificar a odiosa medida de exceção que lhe roubou a vida.

Alfredo Pereira Vaz foi assassinado cobardemente pelos que ousaram saltar por cima de todas as leis e de todos os princípios de humanidade.

As deportações são um crime, são a aplicação da pena de morte feita pelo ódio e pelo arbítrio! Aplicação tão bárbara que dá ao operariado o direito de afirmar que vive numa república orientada e dirigida por uma quadrilha de assassinos fora de todos os princípios morais e jurídicos das sociedades civilizadas!

A choldra e sr. António Maria da Silva

A grande preocupação do momento é o rasgo do fraque de António Maria da Silva, é estabelecer a identidade das pessoas que exprimindo uma opinião colectiva, a opinião dum esmagadora maioria, apuraram aquele político cheio de ódios e vazio de ideias.

Quem semeia tempestades não colhe rosas.

O sr. António Maria da Silva é o autor dum sem número de violências, de perseguições injustas e de prisões que largos meses manteve, sem culpa formada. Tôdas as vezes que foi presidente do ministério renovou a sua primitiva declaração de guerra à classe operária, maltratando-a, vexando-a, agredindo-a. Encheu os calabouços e tornou usual o meter gente dentro das fortalezas sem dar a menor satisfação, sabendo muito bem que as leis limitam o prazo em que a prisão sem culpa formada é permitida.

E concordemos que a choldra insultada, caluniada, tendo por habitação as esquadras, as fortalezas e as plágias africanas, e por justiça os sabres e as espingardas da polícia é bastante generosa contentando-se com uma explosão verbal de cólera e o rasgo num fraque, rasgo mais fantasiado do que verdadeiro.

Notas & Comentários

Lá e cá

Numa praça de touros espanhola encontrou a morte mais um toureiro — o Nacional II. O seu enterramento foi muito concorrido. Cérco de dez mil pessoas acompanharam-no à última morada. Mas — modificações curiosas no espírito espanhol — pelo seu fôlego pedida a demolição da praça de touros e construído em seu lugar um bairro operário. E enquanto isto sucede em Espanha — pais de apaixonados do bárbaro espetáculo — em Portugal ainda há quem pretenda resuscitar os touros de morte. Se elas são de morte, acabe-se com os touros de morte duma vez para sempre.

A moralidade de um chefe

O chefe da secretaria da Penitenciária de Coimbra é pessoa dotada e ilustrada. Daí a sua preocupação pelo aperfeiçoamento dos reclusos. Devido aos seus esforços louváveis... são na sua esmagadora maioria analfabetos. E os que o não são — como se o fossem, porque o douto chefe vela. Vela com tal cuidado que proibiu agarrar a entrega aos reclusos de livros que sejam enviados pela Secção Editorial de A Batalha. Mesmo que esses livros fôsssem inocentes como Maria, a fada do bosque, o ilustre chefe, só porque passavam pelas mãos criminosas dos homens de A Batalha, teria o cuidado de evitar aos reclusos o seu contacto.

O chefe lá sentenciou um dia destes:

— Os livros de A Batalha são prejudiciais à moral!

O chefe tem razão. Bem fazê-lo que se entrega apenas ao incômodo prazer de sabotar o folhetim erótico que o Diário de Notícias vem publicando.

A força do hábito

No casino de Sintra existe como gerente um sr. Tito Martins que se comporta para com o seu pessoal, homens e mulheres, como um verdadeiro Calígula.

O operariado está na sua maioria integrado na C. G. T. e segue os seus métodos de ação, como inúmeras greves e movimentos o têm provado. E o sr. António Maria da Silva, quando se refere aos operários que são eleitos para a direcção dos sindicatos, classifica-os desprezivelmente de discursos, meneus, agentes profissionais da desordem e outros termos que por serem injustos são profundamente caluniosos. O insulto não é de hoje, é de ontem. A choldra não o esquece; a choldra não se esquece.

A choldra sabe que o sr. António Maria da Silva é chefe dum partido donde saiu o ministério que orde-

Armando Borghi, antes de partir, faz interessantes declarações à BATALHA sobre o Congresso, o movimento operário português e a actual situação política

Antes de retirar-se de Portugal, o nosso camarada Armando Borghi, delegado da Associação Internacional dos Trabalhadores ao Congresso Confederal que teve lugar em Santarém, teve connosco uma interessante conversa que não podemos deixar de registrar tão fielmente quanto possível.

Só para nós, valiosas as suas opiniões acerca do Congresso Confederal e do movimento operário português, que há muito tempo seguiu através da imprensa e que só agora teve ocasião de examinar de perto.

— Notei no vosso Congresso — disse-nos ele — uma orientação clara e uma mentalidade bastante equilibrada.

O movimento operário tem exigências que são as suas raízes primordiais de ser. São estas exigências de natureza económica e material. Não require o movimento operário uma selecção sob o ponto de vista de idéias, mas sim de classe. Esta selecção de classe pode constituir uma força de resistência contra o ideal superior que deve guiar a classe operária no sentido da sua emancipação. Mas aí reside precisamente a força suprema do sindicalismo revolucionário, visto que faz nascer dos interesses de classe a ideologia de classe.

Encontrou essas características no movimento operário português?

— O Congresso da C. G. T. — disse Borghi — deu-me a impressão de que este esforço foi bem realizado em Portugal. Já o disse e repito: há boa ideologia libertária, sem os preconceitos da hiper-critica que atrofiam o movimento em França. Vós sois sindicalistas, sem sofismas anti-anarquistas e anarquistas sem sofismas anti-sindicalistas.

— Outro tanto não acontece em França — dissemos.

— Em França — elucidou o nosso entrevistado — a perda do comunismo e a preocupação de combatê-lo, fazendo-lhe concessões, deu lugar a uma rivalidade aguda entre sindicalistas e anarquistas, que em lugar de juntar as duas energias as anula individualmente.

— É uma orientação lamentável.

— E, de facto. A vossa, porém, que é a da A. I. T., impõe-se à consideração nesse mesmo de criaturas que não militam no nosso

acaba de publicar mais um livro: *Sendas de lírico e de amor*, da autoria do camarada Ferreira do Castro, sobejamente conhecido dos nossos leitores pelo seu talento literário. «Sendas de lírico e de amor» é um livro de contos plenos de emoção, tratados com originalidade e elegância, que se destina a um seguro êxito, que consolidará a estima e a admiração que o grande público já vota ao jovem escritor.

— Nosso camarada e preso colaborador Julião Quintinha, que há meses partiu para as colônias num grande viagem jornalística, incumbiu-se de trazer especialmente para A Batalha algumas crónicas sobre problemas coloniais. De vários e interessantes assuntos tem a sua pena tratado com brilho. Permitimo-nos, porém, chamar a atenção dos leitores e muito principalmente para os poderes constituidos para a sua crônica que hoje publicamos, seqüência da que inserimos há dias, a qual duma maneira clara e simples foca o problema de Cabo Verde que, sob tantos aspectos, reclama urgente resolução. Num país onde as opiniões honestas fôsssem tais na devida conta, as crónicas de Julião Quintinha seriam lidas com interesse por aqueles que nas suas mãos têm a sorte — dos quais melhor sorte merecem.

Uma alborada

O Século e o Diário de Notícias referiram que a polícia veio anteontem novamente à sede da C. G. T. por suspeitar que nela se encontravam reunidos vários indivíduos que planeavam atentados pessoais.

Sossegaram as boas almas jornalísticas, a polícia não voltou à C. G. T. embora ainda cá haja que destruir, que saquear, que roubar. A falsidade da notícias revela a consideração que aqueles dois jornais nutrem pela organização operária.

Aqui não se combinam atentados pessoais, como os dois jornais insinuam. E a prova está que a polícia quando, com esse pretexto, assaltou a C. G. T., não encontrou nenhuma para prender, limitando-se a capturar algumas notas de 50 escudos que não deram entrada no governo civil.

Um perfeito paraíso, como vêm caros leitores, e um regime tentador!

As principais obras de fomento que precisa e reclama o povo de Cabo Verde. Algumas impressões sobre a vida associativa, política, educativa e literária

Já lhes falei da questão agrícola e do porto grande de S. Vicente, e, na verdade, estes são os dois maiores problemas, as duas basílicas questões de fomento e economia que Cabo Verde precisa resolver; tudo mais gira ao redor destes problemas que decidirão da miséria ou da fortuna da província.

Outras obras de fomento, indispensáveis, há que realizar, parecendo-me mais urgentes as seguintes:

Na ilha de S. Tiago, reparação ou construção dum ponte no pôrto da Praia, reparações em estradas e nos portos de Tarrafal e Ribeira da Barca, em miserável estado, e construção de alguns edifícios para escolas e repartições.

Pensa-se, também, na construção de casas e aproveitamento de outras para instalar com decência e conforto os funcionários que não têm habitação. Tem grande importância este factor da residência do funcionalismo, porque uma instalação confortável, além de ser direito natural, muito influencia no prestígio a manter e naquela sociabilidade e fiscalização indispensável ao bom tempo.

Interrogado sobre o próximo congresso da A. I. T., respondeu-nos:

— Esperamos que a situação política não mude para pior em Portugal de maneira a podermos realizar, dentro de pouco tempo, em Lisboa, o terceiro da Associação International dos Trabalhadores.

Quizemos saber a opinião de Borghi acerca da situação política portuguesa.

— Há por toda a parte — disse-nos — a mesma perturbação política, mas ou menos acentuada. Os perigos são de duas naturezas igualmente funestas. O primeiro: a reacção militar. É necessário persistir nessa obra com determinação.

— Interrogado sobre o próximo congresso da A. I. T., respondeu-nos:

— Esperamos que a situação política não mude para pior em Portugal de maneira a podermos realizar, dentro de pouco tempo, em Lisboa, o terceiro da Associação International dos Trabalhadores.

Discute-se neste momento uma proposta autorizando o governo da colônia de Cabo Verde a vender em parcelas os terrenos das propriedades denominadas «Montado Real», situadas nas ilhas do Fogo e Brava.

As receitas provenientes da venda dessas propriedades serão aplicadas nas duas ilhas, na abertura e reparação de estradas e caminhos carreiros, na captação e abastecimento de águas, nas reparações e apetrechamento dos seus portos e na aquisição e construção de edifícios para escolas e repartições públicas.

Nas ilhas de Boa Vista e Sal é necessário construir pontes-cais e reparar caminhos.

Em São Nicolau foi criado há poucos dias um Instituto de Educação Secundária, aproveitando-se o velho edifício do Seminário e alguns professores que já custavam dinheiro à Colônia.

Na ilha de Santo Antão deverão ser realizadas reparações em estradas e caminhos, e pensa o governador auxiliar a construção de levadas e reprezas para irrigação, procurando, assim, atenuar os malefícios efeitos de crises futuras.

São estas, nos seus traços gerais, as obras de fomento a realizar que apenas dependem de alguns parcerias do ministério das Colônias e da colaboração de técnicos, que ultimamente tem estado difícil, pois que, por motivos diversos, quasi todos os chefe de serviços desta colônia têm estado ausentes nos últimos tempos.

Pelo que respeita ao comércio, não tendo Cabo Verde o tipo de colônia de feitoria ou de fazenda, e tendo estacionado naquela transição de colônia para a de província metropolitana, segundo a classificação de Oliveira Martins, a sua vida comercial nada tem de característico ou especial, limitando-se as casas comerciais, de europeus e nativos, a vender o melhor que podem as suas fazendas aos nativos das diversas ilhas, de modo que vai suportando, indolentemente, o sistema de trabalho com que é explorada, — um sistema de rendas ou de meias som controlou ou fiscalização — e nada pensa ou sabe de questões sociais.

Verde seja que mesmo assim, em matéria de propriedade agrícola, só alguns proprietários, geralmente nativos, e a população agrícola, embora na sua quase totalidade já nascida e criada em Cabo Verde, está bastante carregada do sangue negro da Guiné, de modo que vai suportando, indolentemente, o sistema de trabalho com que é explorada.

Depois, não há população industrial; são poucos os operários ou artífices nativos, e ainda menos os europeus; e a população agrícola, embora na sua quase totalidade já nascida e criada em Cabo Verde, está bastante carregada do sangue negro da Guiné, de modo que vai suportando, indolentemente, o sistema de trabalho com que é explorada.

Depois, não há indústria; só algumas indústrias artesanais, cujas propriedades visitem, e até os grupos desportivos, agora tão em moda, são aqui raros e sem consistência.

Instituições de assistência a pobres ou indigentes também não existem, sendo o governo da província o único que assiste, dispensando com esses serviços e os de saída e sanidade a importância de 1.865.071\$95.

Esta ausência de qualquer iniciativa individual e de espírito associativo, explica o divórcio, o isolamento em que esta gente vive, alheia e descrente de todos os problemas políticos e sociais, farto de promessas que se não cumprem, cheia dum scepticismo que mal lhes consente, e muito brandamente, tratar cada um de si.

Depois, não há população industrial; são poucos os operários ou artífices nativos, e ainda menos os europeus; e a população agrícola, embora na sua quase totalidade já nascida e criada em Cabo Verde, está bastante carregada do sangue negro da Guiné, de modo que vai suportando, indolentemente, o sistema de trabalho com que é explorada.

Depois, não há indústria; só algumas indústrias artesanais, cujas propriedades visitem, e até os grupos desportivos, agora tão em moda, são aqui raros e sem consistência.

Depois, não há indústria; só algumas indústrias artesanais, cujas propriedades visitem, e até os grupos desportivos, agora tão em moda, são aqui raros e sem consistência.

Depois, não há indústria; só algumas indústrias artesanais, cujas propriedades visitem, e até os grupos desportivos, agora tão em moda, são aqui raros e sem consistência.

Depois, não há indústria; só algumas indústrias artesanais, cujas propriedades visitem, e até os grupos desportivos, agora tão em moda, são aqui raros e sem consistência.

Depois, não há indústria; só algumas indústrias artesanais, cujas propriedades visitem, e até os grupos desportivos, agora tão em moda, são aqui raros e sem consistência.

Depois, não há indústria; só algumas indústrias artesanais, cujas propriedades visitem, e até os grupos desportivos, agora tão em moda, são aqui raros e sem consistência.

Depois, não há indústria; só algumas indústrias artesanais, cujas propriedades visitem, e até os grupos desportivos, agora tão em moda, são aqui raros e sem consistência.

Depois, não há indústria; só algumas indústrias artesanais, cujas propriedades visitem, e até os grupos desportivos, agora tão em moda, são aqui raros e sem consistência.

Depois, não há indústria; só algumas indústrias artesanais, cujas propriedades visitem, e até os grupos desportivos, agora tão em moda, são aqui raros e sem consistência.

Depois, não há indústria; só algumas indústrias artesanais, cujas propriedades visitem, e até os grupos desportivos, agora tão em moda, são aqui raros e sem consistência.

Depois, não há indústria; só algumas indústrias artesanais, cujas propriedades visitem, e até os grupos desportivos, agora tão em moda, são aqui raros e sem consistência.

Depois, não há indústria; só algumas indústrias artesanais, cujas propriedades visitem, e até os grupos desportivos, agora tão em moda, são aqui raros e sem consistência.

Depois, não há indústria; só algumas indústrias artesanais, cujas propriedades visitem, e até os grupos desportivos, agora tão em moda, são aqui raros e sem consistência.

Depois, não há indústria; só algumas indústrias artesanais, cujas propriedades visitem, e até os grupos desportivos, agora tão em moda, são aqui raros e sem consistência.

Depois, não há indústria; só algumas indústrias artesanais, cujas propriedades visitem, e até os grupos desportivos, agora tão em moda, são aqui raros e sem consistência.

os impressionam, e ignoram, com a mais respeitável sinceridade, os nomes dos ministros, inclusivé os das colónias...
Há neste indiferentismo como que uma instintiva e humana desafonta ao ostracismo a que foram lançados.

Todavia há uma política muito local, onde uma minoria apoiada no governo e na geral indiferença, elege os deputados, os senadores, e nomeia as Câmaras Municipais—tal qual como na metrópole...

Em todo o caso, algumas ilhas, verificava-se uma revivescência de ação municipal que tem dado alguns melhoramentos, em matéria de aforoseamento e sanidade, à cidade da Praia, e promete dar à Ilha de S. Vicente e a outras, na verdade bem necessitadas de arrumamentos, água, luz, higiene, etc.

* * *

Indispensável averiguar o que um povo realiza em matéria de educação, para se concluir do seu sentido progressivo.

Cabo Verde posse 76 escolas primárias som 142 professores, havendo em todo o arquipélago 7.701 alunos matriculados.

Tem mais um Liceu para ensino secundário, em S. Vicente, com 17 professores e 51 alunos matriculados, e uma Escola Profissional de Arte Marítima.

A única escola de artes e ofícios—de todas as mais úteis e necessária—está encerrada temporariamente. Pessímo sintonia. Custam estes serviços aproximadamente, 1.600 contos—o que é muito em relação aos recursos da província, o que é pouco tendo em vista as necessidades do ensino e civilização.

Um território com 3.928 quilômetros quadrados, 754 aldeias, 37.859 logos, contendo uma população de 160.000 indivíduos que se compõe de 5.031 de raça branca, 5.224 de raça mista, e 69.420 de raça preta, carece de muitos mais esforços educativos, de muito mais dinheiro gasto com instrução, para poder traçar a sua marcha progressiva.

Dizer-se o contrário é uma ficção. O número dos alunos matriculados (7.701) em face da população (160.000), da mais de 95 por cento de analfabetos. Bem sei que nos antros urbanos essa percentagem diminui consideravelmente, especialmente na Ilha Brava onde, devido às necessidades da emigração para a América, quase todos aí aprende a ler. Mas tudo isso é nada comparativamente com a grande massa que conserva ignorância, inapta para qualquer esforço orientado, mesmo de ordem material.

Neste quadro está a completa explicação da vida social caboverdeana—a razão maior da sua indolência, da sua fatalidade, das suas cinzas em que encontra decadência e morte.

Acresce, ainda, que nas escolas que existem não tem havido sempre boa gerência técnica, os professores sem o devido curso e quase sempre interinos—mal éste a que só há pouco tempo se procura pôr termo.

Todavia, o povo caboverdeano possui um temperamento intelectual. A sua proverbial melancolia refina-lhe a inteligência; e todos os ilhas estão povoadas de lendas, suposições, adágios, que nos dão noticia da sua ardente imaginação.

Nos seus cantares creoulos, especialmente na morna que as pálidas mulheres caboverdeanas dançam com um ritmo apaixonado e impressionante, adivinha-se todo um caudal de inéditos motivos para estilizar e para enriquecer a nossa literatura.

Além de figuras caboverdeanas de relevo, bastante conhecidas na vida mental, encontra-se aqui, entre velhos e novos, escritores, poetas, desenhadores dum rara sensibilidade, todos elos alheados de si próprios e dos seus reais merecimentos, mas a par da nossa literatura e arte, e com uma amabilíssima curiosidade pela vida intelectual e artística do país. Mas todo este movimento e bastante disperso, cada um vivendo e vibrando dentro de si, encerrado no grande isolamento que é a maior condição desta fatalidade geográfica.

Há intelectuais, mas não há meio intelectual.

As duas únicas bibliotecas, na Praia e Mindelo, estão mal montadas e acusam pouca frequência; não há livrarias, não há oficinas locais, e os livros e publicações portuguesas pouco vêm ou são mal distribuídos.

De todo este abandono, tão injustificado, e que tanto nos prejudica intelectual e economicamente, têm principais responsabilidades os governos madraçós e elites da metrópole.

Colhi em Cabo Verde magníficos elementos etnográficos, belos documentos de literatura e arte que me forneceram as pessoas cultas com quem precisei, mas que não cabem no curto espaço dum crónica. Ficarei para o Suplemento Literário de *A Batalha* ou para obras minhas, onde marcarão momentos de fugidio encanto vividos entre paisagem estranha, em terras negras e ardentes deste arquipélago de melancolia.

E agora, a caminho das águas mortíferas da Guiné...

Alto Mar—Agosto 1925.

JULIÃO QUINTINHO

Queixas e reclamações

No Refúgio e Casas de Trabalho

Numa comovedora carta que nos enviou, um velho internado no Refúgio e Casas de Trabalho queixa-se amargamente das constantes agressões de que é vítima por parte de alguns colegas menos edosos e que para entreterem o tédio ousoam agredir o pobre velho. Para aumentar o seu infortúnio diz-nos o autor da carta, que os refugiados são mal alimentados e quando doentes passam uma vida de martírio e de miséria na enfermaria para onde são atirados.

Como as belezas da assistência pública são continuamente cantadas, ocorre-nos perguntar se são desconhecidos das entidades competentes os factos a que aliude o nosso reclamante.

TIVOLI TEL. N. 5471 A'S 8 314 HORAS

AS TRÊS IDADES

Super-produção cómica em 6 partes com Buster Keaton (Paramount)

Uma corrida em Kentucky

Comédia dramática com Reginald Deuny

Um documentário

Uma revista cinematográfica

Amanhã — Matinée

Dos subditos espanhóis um foi sólito, outro conserva-se iniquamente detido

O assalto à C. G. T.

O que diz a imprensa

De *A Tribuna*, diário republicano da manha do Porto:

“Um dia destes, em Lisboa, a polícia entrou na sede da Confederação Geral do Trabalho onde também se encontram instaladas várias agremiações operárias. Depois de lhes passar uma busca minuciosa, talvez porque não encontrasse aquilo que desejava, destruiu o mobiliário, partiu vidros, cometeu várias tropelias e etc. retirou-se.”

Esta notícia, lida em parangona do nosso colega de Lisboa *A Batalha*, tornava-se quase inacreditável, se não viesse acompanhada de algumas fotografias elucidativas, por onde se vê que realmente a sânta polícia manifestou-se dum modo brutal, só comparada a que nos observámos nos bons tempos do desembrazismo e da traília.

Em nome dos princípios de solidariedade, aqui sempre defendidos; em nome da liberdade de pensamento, que reputamos uma coisa sagrada; em nome da ideologia em que assenta o regime implantado em 5 de Outubro de 1910 e que teve por fim acabar com leis de exceção, com perseguições políticas, com bambochetas e actos de força absolutamente escusados—protestamos contra o atentado de que foi vítima a Confederação Geral do Trabalho.

Compreendemos que semelhante desatino fosse praticado por criaturas incapazes de compreender o respeito que nos deve merecer a casa alheia. Mas por agentes da polícia, a quem o Estado paga para manter a disciplina e o ordenamento público, é uma anomalia tal que de nenhum modo pode admitir-se em país civilizado, mesmo que à frente da corporação em referência esteja o sr. tenente-coronel Ferreira do Amaral, que, segundo se diz, é um homem valente, capaz de romper com todas essas velharias a que nós chamamos os direitos dos cidadãos.

Não, sr. presidente do ministério: ou v. ex.^a se julga com força bastante para cobrir estes abusos da polícia, ou tem de se ir embora. Positivamente, v. ex.^a não pode envolveras dessa maneira o seu passado de republicano, tanto mais quanto é certo ter dado já sobejas provas de estar perfeitamente integrado nos belos principios da Democracia...

Sanches era então um membro da colónia espanhola muito da estima do sr. Padilla. Mas de súbito eis a horrível metamorfose: Sanches em lugar de dar luzimento aos banquetes da legação espanhola, passou a alimentar os parasitas que infestam os imundos calabouços do governo civil. E exemplar cidadão desceu a simples cativo!

Admitiamos como razoável, num país onde estão suspensas todas as garantias individuais como em Espanha, que um governo do qual fizesse parte o sr. Padilla procedesse para com os nacionais como é vulgar vermos em Espanha. Mas num país com todos os direitos constitucionais em exercício o ministro dum potência estrangeira triunfar sobre as leis do país onde reside para cevar seus ódios num subdito do seu país natal não está dentro das normas jurídicas, não está a caráter e para a democracia!

Não é o sr. Padilla que merece o nosso sarcasmo. Ele vai para o governo, especialmente para o ministro dos Estrangeiros, que, não sabendo explicar o motivo da prisão do Sanches autoriza-nos a inferir o que deixamos atrás reproduzido. E não é só o sr. Vasco Borges que não sabe dar-nos essa explicação. Na polícia são ignoradas as causas porque se mantém preso um indivíduo de nacionalidade espanhola que outrora crime não praticou senão o de estar sólito.

Que esta situação não deve eternizar-se já o acentuamos mais dum vez. Se o governo não sabe justificar a detenção de Sanches que o solte porque apenas pratica um acto de justiça.

Contra essa arbitrariedade indecorosa, muito semelhante àquelas de que temos também sido vítimas, protestamos vigorosamente, estando em absoluto ao lado do nosso colega nesse assunto que atinge toda a imprensa, ferindo-a profundamente nos seus brios.

Protestos

Enviou-nos o seu protesto e solidariedade a comissão administrativa da Associação de Classe dos Operários Manipuladores de Pão do Porto.

—A comissão administrativa do Centro Comunitário Libertário do Porto, na sua última reunião, resolveu lavrar o seu indignado protesto contra «heroica» façanha praticada pela odiosa corporação da polícia republicana.

Dos presos da cadeia do Porto, prisão 5, Emílio Alves de Pinho, Manuel da Silva e José de Oliveira, receberemos uma carta protestando contra o assalto de que foi vítima a C. G. T.

—De *A Reacção*, semanário anti-republicano de Lisboa:

“Este nosso colega, com quem aliás raramente estamos de acordo, a pesar de também não defendermos incondicionalmente o regime burguês, acaba de ser vítima de mais uma atrocidade, tendo a polícia invadido os seus escritórios, pilhando, destruindo e ameaçando revoltantemente, através de chamas e insultos, o director e corpo redactorial.

Contra essa arbitrariedade indecorosa, muito semelhante àquelas de que temos também sido vítimas, protestamos vigorosamente, estando em absoluto ao lado do nosso colega nesse assunto que atinge toda a imprensa, ferindo-a profundamente nos seus brios.

Uma carta

Do nosso amigo e colaborador o professor da E. P. S. de Santarém sr. Serra Frazão recebemos a seguinte carta, que gostosamente publicamos:

SANTAREM, 6.— Protesto indignado contra o infame procedimento dos janizários que assaltaram as sedes de diversas colectividades operárias e ameaçaram o director de *A Batalha*.

Como operário intelectual, não posso ficar silencioso perante este vergonhoso facto.

Quando teremos nós umas instituições verdadeiramente democráticas, à sombra das quais possamos viver tranquilos, e trabalhar por um futuro melhor?

Cançã e vencida nesta luta de todos os instantes, a Terra precipitar-nos-há no abismo e irá de escantilhão feita brasa incandescente em busca doutro planeta que a acaricie e a retenha na sua atração incansável, um dia que o Sol lhe fale com a luz que ele só deseja prodigilar e distribuir pelos seus satélites onde a liberdade e a vida não sejam uma mentira...

Contra essa arbitrariedade indecorosa, muito semelhante àquelas de que temos também sido vítimas, protestamos vigorosamente, estando em absoluto ao lado do nosso colega nesse assunto que atinge toda a imprensa, ferindo-a profundamente nos seus brios.

Sociedades de recreio

Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo—Hoje e amanhã e em favor da Sociedade Social, realizam-se nesta colectividade de grandiosas festas com o concurso do grupo dramático Academia Recreativa Nacional.

Grupo Dramático Solidariedade Operária—Realizando-se no dia 17, às 21 horas, a festa em auxílio das famílias dos deportados, pede-se aos possuidores de bilhetes a fineza de liquidarem os mesmos hoje, das 20 às 23 horas.

“Um acto de cabaret” por diversos artistas de Teatro que obsequiosamente se prestaram a colaborar nesta festa que é a consagração do Fado.

Dirige este espetáculo o decano dos cultivadores do Fado sr. Custódio Nunes.

Sociedades de recreio

Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo—Hoje e amanhã e em favor da Sociedade Social, realizam-se nesta colectividade de grandiosas festas com o concurso do grupo dramático Academia Recreativa Nacional.

Continuam abertas as matrículas para a

admissão de alunos no 1º ano do curso de profissional de escrivário constituído pelas disciplinas de português, francês, inglês, contabilidade e escrituração, e que funcionará no próximo ano lectivo na sede da Associação dos Empregados Escrivários, rua da Madalena, 225, 1º, onde se prestam esclarecimentos em todos os dias úteis, das 21 às 23 horas.

Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa

A Direcção e a Comissão de Instrução,

comunicam aos associados e a todos os empregados no comércio de Lisboa, que se encontram abertas as matrículas para as

seguintes disciplinas: instrução primária,

português, francês, inglês e escrituração

comercial. Mais comunicam que atendem os

colegas todos os dias úteis, das 21 às 23 horas.

Festas do Estoril

Combóio extraordinário

Em virtude de se iniciar às 3 horas da tarde a corrida de automóveis no Parque Estoril, efectuar-se-há hoje o combóio rápidamente que parte do Cais do Sodré às 2 horas e 5 minutos.

Muita gente se juntou e tantas voltas lhe

deram que à noite recolhia o pobre bicho

numa carreta para o matadouro. Já se encontra muitas pessoas presas para pagar o comboio.

Dizem que é bárbaro o que fizeram.

Concordamos.

Não será também bárbaro trazerem es

teses esquelétos bovinos a que ironicamente

chamam toiros, para as corridas?

Chamamos a atenção da Sociedade Pro

tectora dos Animais.—E.

Moita, 8-X-925.

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba

de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7

de Maio de 1919 e respectivo regulamento

publicado no Diário do Governo de 20 de

Maio sobre o horário de trabalho, sendo

o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejarem adquirir

quantidade far-se-há um abatimento de 50

por cento em pacotes de 50 folhetos.

MARCO POSTAL

Penitenciária de Coimbra. — Reclusos. — Recebemos carta, mas como não vêm assinada não a publicamos. Guardaremos sigilo do nome, o que seria desnecessário dizer-lhe.

Couço. — Agente. — Recebemos liquidação.

Póvoa de Varzim. — Agente. — Recebemos liquidação de Agosto.

New-Bedford. — J. M. Maia. — Recebemos cheque. Ficou paga assinatura do diário, suplemento e revista até ao fim do ano.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE OUTUBRO

V.	11	18	25	HOJE O SOL
S.	12	19	26	Aparece às 6,41
T.	13	20	27	Desaparece às 13,00
Q.	14	21	28	
Q.	15	22	29	FASES DA LUA
S.	16	23	30	L. C. dia 2 a 5,23 Q.M. 9 a 18,34 L.N. 17 a 18,36 Q.C. 24 a 18,38
S.	17	24	31	

MARES DE HOJE

Praiamar às 8,31 e às 9,14

Baixamar às 1,24 e às 2,01

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Poliama—A's 21,30—O Leão da Estrela.
Epolo—A's 21,15—O Salimbanco.
Ilaria Vitorina—A's 20,30 e 22,30 —Rataplano.
Collson—A's 21—Companhia de circo.
Selso Tej. —Animatógrafo e Variedades.
Juvenal—A's 21,30—Almás e A Cládas.
Gill Vicente (a Graca)—A's 20—Animatógrafo.
Irenice Parque—Todas assozes—Concertos e diversões.

CINEMAS
Olimpia—Chico Terraço—Salão Central—Cinema
Cendes—Salão Ideal—Salão Lisboa—Sociedade Promotora de Educação Popular—Cine Paris—Cine Esperança—Chantecler—Tivoli—Tortoise.

PEDRAS PARA ISQUEIROS
M. Auer, assim como rodas ocias e molas, é que se fabricam pedras de 2 a 3 peças, lâmpadas, etc. Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 5 e quiosque.
Dirigir-se-á a Francisco Pereira Lata e à casa que forasse em melhores condições.

ACABA DE SAÍR

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1500.

Pedidos à administração de A Batalha.

O revolucionário Social e o Sindicalismo

Por Arckino. Preço \$50.

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO
SÓ COM O LUCRO DE 10%.

NA
SAPATARIA SOCIAL OPERÁRIA

Sapatos para senhora...
Sapatos vermelhos...
Botoes brancos (sótoe)...
Grande salão de botas pretas...
Fitas de cor para homens...

Não confundir com a SOCIAL OPERÁRIA com outras casas.
Vá bem, pois só lá encontra bom e barato.
A Social Operária é na rua dos Cavaleiros, 18-20, com Filial na mesma rua, n.º 63.

DR. ARMANDO NARCISO

Médico do Hospital de Santa Maria.
CLÍNICA MEDICA

Consultório: Rua das Necessidades, 9 (Rua do Amoroso).
Residência: Rua Nogueira e Sousa, 17 (ao lado do Cordeiro).

Maria Gertrudes
António Pereira e sua família agradecem a todos os camaradas que se dignaram acompanhar à sua última morada a sua esposa, cujo funeral se realizou no dia 7 do corrente, da rua da Bombarda, 38, r/c, às 15 horas para o cemitério do Alto de São João.

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA
Publicação mensal

Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limit., R. dos Retirozinhos, 125—LISBOA.

nado ao repouso, pois que assim o ordenavam os mandamentos da santa madre igreja católica, apostólica e romana. Em vão Joana exclamou:

— Ah! senhores! todo aquele que combate pela salvação da Gália, faz oração!... Os capitães permaneceram inabaláveis na sua fé ortodoxa à piedosa observância do repouso dominical. Joana viu-se obrigada, com bastante pesar, a adiar o combate para segunda-feira; mas desejando ainda, graças a esta demora evitar a efusão de sangue, que ela abominava, pediu a Daulon, seu escudeiro, que escrevesse, ditada por ela, uma nova carta de algumas linhas, que mandaria aos ingleses; a primeira foi enviada de Blois por um arauto.

Terminada a missiva e assinada com o nome de Joana esta aplicou-lhe, à maneira de referenda, a sua cruz em Deus; depois pozi o pergaminho na algibeira, e pediu aos capitães que a acompanhasssem ao baluarte ou entrincheiramento levantado no meio do Loire, em frente da grande bastilha de Tournelles, ocupada pelos ingleses; a guerra quer examinar de novo esta importante posição, supondo que o assalto tivesse lugar na próxima segunda-feira. Anuiram aos seus desejos, e vários chefes de guerra acompanharam-na ao pequeno castelo do rio, no meio de um grande concurso de povo e de soldados dos bando mercenários, não menos entusiasmados que na véspera.

Joana aventurou-se até ao baluarte da ponte, tão próximo de Tournelles, que a voz dos sitiados podia ser ouvida pelos sitiantes.

Grande número de milicianos de Orleans achavam-se de guarda na plataforma guarneida de ameias, de balistas e de outras armas destinadas a arremessar dardos e grandes pedras ao inimigo. Esta boa gente, transportada de alegria por ver a donzela entre elas, exclamando com valorosa impaciencia:

— Quando tem lugar o assalto?

Ela prometeu-o para o dia seguinte e ordenou que

esse icada uma bandeira branca, a fim de propôr

Valério, Góes & Ferreira, L.

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres,
louça esmaltada, parafusos, fundos para cadeiras,
guarnições para móveis

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimônio, balanças, pesos e medidas, cravo para farrador, serras circulares e de fita, etc.

64, R. DO AMPARO, 86—LISBOA — TELE | Tono, 3930, N. 444422 13

FOTOGRAVURA
TRICROMIA
ZINCografia
DESENHOGRANDE PREMIO
RIO DE JANEIRO 1908
GRANDE PREMIO E
MEDALHA DE OURO
LISBOA 1913
PREMIO DE HONRA
LEIPZIG 1914OFICINA FOTOMECHANICA
Largo do Conde Barão, 49
LISBOA
TELEFONE
2554
C

LIMAS NACIONAIS



MARCAS REGISTADAS
presas de Limas
rivalizam em preza
e qualidade com as melhores Limas do Mundo.
Experimentem, pois, as nossas Limas que se encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens do país.

188, Rua da Madalena, 190 e nas seguintes farmácias:

EM Lisboa: A. MARINHO, LIMIT., R. Eugénio dos Santos, 80 a 90 — Farmácia PORTUGAL, Ltda., Rua Augusta, 218

NO Porto: Farmácia Central de SALGADO LENCART, R. 31 de Janeiro, 203

TELEFONES: C. 1322-N. 5117

IMPOTÊNCIA

Comprimidos de cloridrato de yohimbina químicamente pura
do dr. R. Wolff — Berlim

Medicamento precioso, sempre que seja necessário tonificante e aparelho genital. Não tem efeitos secundários. Os seus efeitos são garantidos, não tendo os outros efeitos de tantas substâncias indicadas com o mesmo fim, visto que não se acumula no organismo e não produz efeitos secundários nos rins.

Ruas as que mais se limitam

Fernando da Silva

188, Rua da Madalena, 190 e nas seguintes farmácias:

EM Lisboa: A. MARINHO, LIMIT., R. Eugénio dos Santos, 80 a 90 — Farmácia PORTUGAL, Ltda., Rua Augusta, 218

NO Porto: Farmácia Central de SALGADO LENCART, R. 31 de Janeiro, 203

FATOS COMPLETOS
E SOBRETUDOS

em boas fazendas de lã
com bons forros desde 159\$00

IMPREMIHUGS INGLESES com linto e rapuz, desde 169\$00

CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00

CALÇAS desde 40\$00

ABATIMENTOS PARA REVENDA

O CHAVES DO CONDE BARÃO

170, Rua da Boavista, 172

Livros em espanhol

A' venda na administração
de A BATALHA

Mi Comunismo, Sébastien Faure	10\$00
La Revolución Social em França, Miguel Bakunine (2 volumes)	15\$00
Cartas a uma mulher sobre la anarquia, Luiz Fabri	25\$00
La Ucrania revolucionária, Agustín Souchy	15\$00
Anarquismo e organização, Rudolf Rocker	15\$00
Entre campesinos, E. Malatesta	15\$00
En Ucrania, Rudenko	15\$00
Miguel Bakunine, J. Guillaume	15\$00
Los anarquistas (Estudo e replicado) Lombroso e Melia	5\$00
Errico Malatesta, Max Nettier	6\$00
Artistas e Rebeldes, R. Rocker	4\$00
Nicolai, Romain Rolland	4\$00
¿Soviet o Dictadura? P. Varin	15\$00
El Estado moderno, Kropotkin	5\$00
Dictadura y Revolución, Luiz Fabri	10\$00
Boisheimo y Anarquismo, Rudolf Rocker	15\$00
Problemas universitários, Lelio O. Leno	15\$00
La Revolución, José Torralvo	15\$00
Dios y el Estado, M. Bakunine	15\$00
Paginas seletas, Multatuli	3\$00
Ensaios y Conferencias, Pedro Gori	3\$00
Dos años en Russia, E. Goldman	25\$00
Quinet, Falala	10\$00
La pena de muerte, G. Alomar	15\$00

Imagens

Novela de Theodor Storm, tradução de Alfred Bader, 1 volume de 33 páginas

Kanto do Triunfante Kanto

Pela Sino, Orszeszko, tradução de Dr. Kabe, 1 volume de 79 páginas

Kaetje

Peças em 4 actos de Paul Spaak, tradução de W. van der Biest, 1 volume de 111 páginas

Kanto de Triunfante Amo

Por Ivan Turgenev, tradução de dr. Andrei Fiser, 1 volume de 32 páginas

Kurtul de Toroj

Original de A. Carles, 1 volume de 59 páginas

Kurso Tutmonda Iau la Metodo Natura

Original de Emile Gasse, 1 vol. de 57 páginas

La Kvar Evangelij

Reúnidos num conto pelo padre Luiso, 1 volume de 196 páginas

Kvin Noveloj

De L. E. Meyer, tradução de diversos, 1 volume encadernado

Lupo, Hundoj Kaj Homoj

Novela de Adolph Dygasiński, tradução de Br. Kuhl, 1 volume

Enciklopedio Vortareto Esperanta

De Verax, com explicações em Esperanto e tradução em francês, volume de 284 páginas

Esperantaj Poemoj

De C. Chr. Dreogendijk, 23\$00

Esperantaj Prozajoj

De diversos autores, 1 volume de 246 páginas

Fantom en Zubli

De Koloman Mikszath, tradução de Eugenio Forster, 4\$00

</

A BATALHA

Uma exposição comovedora da repressão contra o operariado de São Paulo, apresentada ao sr. Albert Thomas para que não alegue ignorância

Quando da visita do sr. Albert Thomas à cidade de São Paulo, «Um grupo de operários» entregou-lhe uma carta que abaixo transcrevemos, na qual é exposta clara e sucintamente a situação do operariado daquela cidade. Não existe o direito de reunião ou coligação, a liberdade de pensar ou escrever, os jornais não podem circular livremente, a polícia assalta os sindicatos operários e as bibliotecas não podem funcionar; não existe o menor respeito pelo trabalho das mulheres e dos menores, tornando-se insuportável a sua situação. Uma repressão feroz e arbitrária paira sobre as classes trabalhadoras de São Paulo.

Eis o documento:

«Ex.º sr. Alberto Thomas, Presidente do Departamento Internacional do Trabalho da Liga das Nações.—Respeitosas saudações.

No momento em que vós pisais as terras da capital paulista — o maior centro industrial da Federação Brasileira, onde se aninham, aproximadamente, cerca de 200.000 operários — não poderíamos deixar passar despercebida perante vós a verdadeira situação do proletariado brasileiro, e, principalmente, a do paulista.

Nesta viagem que estais empreendendo através do Continente Sul-Americano, no intuito, cremos, de estudar e observar os vários sistemas de trabalho e as organizações operárias a-fim de melhor ampará-los sob o benéplácito do Departamento, do qual sóis seu esclarecido presidente — pretendemos nesta carta (já que não é permitido de outra forma chegar até a vossa ilustra e respeitável personalidade por motivos que abaixo esclarecemos) — deixar patente, aos vossos olhos, a nossa verdadeira situação de operários, nestas plagas tão esquecidas ainda dos principios sindicalistas, de cujas liberdades o proletariado da Europa usufrui, mas grado mesmo as reacções que lá se verificam.

A fim de não molestar a vossa benigna atenção, sem mais delongas, sintetizaremos o que se passa aqui e como vive o proletariado do maior centro industrial do Brasil.

Senhor: Talvez julgareis ser mito o ver aqui descrita a angústia que suporta tão cruelmente o proletariado de São Paulo. Talvez, acostumado a respeitar os fundamentos básicos da estrutura das organizações trabalhadoras, duvidais da verdade clamorosa a que estão submetidos os impulsionadores — mártires heroicos — da indústria desta capital.

«Aqui, senhor, não existe o direito de associação. Criar-se «leis de exceção» onde o estrangeiro que pleiteia seus interesses com as armas da greve pacífica, é incontinentemente deportado; e as associações de classe a polícia tem a faculdade de fechá-las quando assim entender, sem que ao menos haja motivos plausíveis.

«Ai daqueles que pretendem defender seus interesses através do apoio de sindicatos de resistência! Serão presos, metidos nas mais humildes enxovias policiais, deportados para os sertões bravios do norte-brasileiro, espancados, humilhados...

«Aqui, em São Paulo, como terás oportunidade de observar, das variadas e enormes indústrias é limitadíssimo o número de sindicatos que funcionam.

«Estes mesmos, são terminantemente proibidos pela polícia de realizarem as suas reuniões corporativas e assembleias. As tipografias que por acaso se aventurarem a imprimir, para tais associações, simples convites de festas recreativas operárias, são interditadas pela polícia e suas portas serão fechadas. Chegam ao ponto as organizações operárias, de fazerem seus comunicados a cada um de seus associados dos em cípios daquele dia, e as crianças de menor idade são licenciadas nessas dias.

«Vós, senhor, não formareis exceção a esses ardós, já tão conhecidos por vós. Mas, o vosso espírito clarividente, o vosso arguto olhar, crêmos, penetrará nesses labirintos tão mágicamente preparados, porque vós sabeis onde se encontram os verdadeiros operários, aqueles que sofrem e anseiam, no tenoso caos em que são afirados, sem uma nege de luz, sem uma partícula de liberdade.

«Quizeramos, senhor, sentir o vosso contacto a-fim de sentirdes as nossas dores. Mas, para não expormos à ira das autoridades policiais os nossos minguados e enfraquecidos sindicatos, limitamo-nos apenas, nesta missiva, a descrever-vos o que não podemos falar.

«Acreditai, senhor, no que aqui está pálidamente esmiuçado. Sai das mãos calosas desse eterno trabalhador, cujos lábios não podem mentir.

Um grupo de operários.

Pela Fábrica Napolitana

Um encarregado modelar que gosa das simpatias... dos seus patrões

O pessoal da fábrica Napolitana, por razões que a gerência daquela casa não explicou, passou a trabalhar apenas 3 dias semana. Como não se conformasse com a ordem dirigiu uma reclamação à referida gerência no sentido desta determinar a volta ao trabalho semanal de 6 dias. Como resposta foi dito aos operários daquela casa que se dirigissem ao ministro pedindo o aumento das contribuições da massa estrangeira. Como indigna a proposta foi rejeitada e o pessoal ficou a 3 dias, mas desta vez obrigado a fazer serão sem vantagem alguma. Quem mais arrogante se apresentou em defesa desta medida foi o encarregado Manuel da Silva, um serventário às ordens da gerência e a quem esta retribuiu com a concessão de poder fazer 7 dias por semana.

E sobre este regime se encontram aqueles operários a quem a crise de trabalho faz supor a tiranía deste reles encarregado.

Comissão Pró-regresso dos Deportados

Na sua reunião efectuada ontem constatou ainda que, a-pesar-da propaganda desenvolvida sobre a ilegalidade em que se encontram os deportados da Guiné e Cabo Verde, todas as autoridades que no assunto devem ter interferência — no sentido pelo menos de manter o respeito pelas leis, como elas querem — se mantêm num cômmodo silêncio, silêncio este que vai dia a dia produzindo mortes.

A continuar assim é de esperar que dentro em pouco já tenham percebido todos para maior glória desta «República Democrática» a transbordar de «democratas» por todos os lados!

Todavia a comissão Pró-regresso dos Deportados realiza na próxima terça-feira, pelas 21 horas a quarta conferência ao citado decreto, no sentido daquela redução ser feita apenas nos salários e jornais do pessoal, a admitir depois do dia 1 do corrente mês.

«Os operários tecelões, que representam numéricamente a maior força de São Paulo, não possuem a devida União porque lhes é perentoriamente impossibilitada pelos factores já citados, devido simplesmente terem obtido ganho de causa numa greve verificada em 1917. De então para cá a reacção policial, a fim de bem servir os interesses dos industriais, cerceia não só a liberdade a possante quantidade numérica dos tecelões, como a todos os demais artifícies que se queiram organizar em sindicatos de resistência.

«Aqui, senhor Albert Thomas, a questão social — como tão bem se exprimiu o dr. sr. Washington Luis, então presidente do Estado de São Paulo — é uma questão de polícia. e, como tal, conforme o dr. sr. Eoi

Funcionalismo público

O Congresso Internacional do Funcionalismo e o seu desinteresse em Portugal

Noticiaram os jornais estrangeiros, últimamente aqui recebidos, que, com larga representação de todos os países da Europa, se estava realizando em Paris um importante Congresso Internacional de Funcionários Públicos.

Segundo relatam os referidos jornais, foi objecto de particular atenção dos congressistas o horário de trabalho, a unificação de vencimentos e qual a situação do funcionalismo numa possível mudança do sistema governamental ou mesmo dumha revolução internacional sindicalista. Não sei, porque isso não informam os referidos jornais, quais as resoluções finais desse Congresso, nem tampouco se nela se fez representar Portugal pelos vizinhos espanhóis, o que é muito provável, dada a confusão em que muitos vivem sobre a situação geográfica de Portugal, que chega a ser conhecido como uma província de Espanha. Porém, não seria demais profetizar que as suas conclusões visam sobretudo à necessidade urgente e inadiável do funcionalismo útil se preparam para, no amanhã dum futuro melhor desembargo das peias dumha política que o tolhe e dum Estado que o manete, desempenhar a sua missão com proveito geral da comunidade e das necessidades humanas.

Em Portugal, alguém o afirmou há muito, a missão do Estado cada vez irá sendo mais restrita e tempo virá em que ela consistirá apenas na divisão da justiça, pois a sociedade, a-pesar-de todos os seus saltos bruscos e retrogrados, cada vez colocará mais o indivíduo no nível necessário para dispensar os serviços que julga o Estado prestar-lhe. Esse alguém foi um monárquico, a quem os interesses da monarquia não fôram o suficiente para ele calar aquilo que os nossos democráticos de hoje consideram um crime, tão grave e perigoso que só a «legião vermelha» poderia cometer, no entanto essa grande verdade, que precentemente seria tida como a mais terrível confissão de fé anarquista-sindicalista até agora não logrou ser ouvida pelos nossos funcionários, dai o seu desinteresse e a sua desunião.

Existem a verdade bastos sindicatos, mas desses que existem apenas um ou pelo mais alto levantada e energética como se impõe e procura defender os direitos dos seus agrupados, se pode considerar; os outros, aqueles que ontêm marcavam um lugar de destaque e os próprios governos admitem como uma força organizada, já desapareceram ou vivem dispersos, e, assim, nem uns nem outros conseguem marcar aquela força que serviria a torná-los grandes e respeitados.

Os defecistas, aqueles que a sôlo de alguma ou por sua espontânea vontade conseguiram infiltrar-se nos vários sindicatos do funcionalismo para os desvendar de rota que os devia conduzir até à emancipação da política, podem na verdade bater as palmas de contente, pois não obstante a sua obra de negação aos princípios associativos, conseguiram alcançar o fim almejado com geral aplauso das forças conservadoras e até dos próprios prejudicados.

E' certo que, por vezes e como a querer libertar-se desse meio verdadeiramente apático e dormente em que se permanece, aparece uma ou outra classe, como ainda há tempos a do professorado liceal, mas por mais fortes que sejam os argumentos que se apresentem não conseguem romper com essa política vaga e tenebroso que diariamente por uma forma assás escandalosa para si se exerce; e, tanto assim, que nem esta que visava um fim bastante grandioso — a Federação Nacional — logrou passar.

A não comparecência dos delegados portugueses ao Congresso Internacional do Funcionalismo e a continuação do seu almentamento da Federação está plenamente justificado pela indiferença com que o nosso funcionariado encara a sua própria situação; discutiram-se, é certo, assuntos de capital interesse como sejam o horário de trabalho e unificação de vencimentos, mas que importa isso a um funcionalismo que se julga superior a todas as coisas e que se opõe terminantemente à unificação porque essa unificação vai beneficiar os mais humildes?

Que importância pode ter um Congresso Internacional para quem se não preocupa com os nacionais? E' facto, que nela se trouxe a situação do funcionalismo numa natural renovação social, mas que representa isso para quem tem praça assente na irmandade «do amanhã se Deus quiser?» Nada! Superior a isso tudo é a política, aquela política do enxovalho, do insulto, que ora se manifesta na Praça de Belém, ora se mostra nas salas alicatadas dos centros! Superior a tudo isso, é o senhor José Domingues dos Santos ou António Maria da Silva; o grande Cunha Leal ou o alto Procópio de Freitas; o mais é nada, é zero e se alguém reclama, se alguém critica os desmandos e os atropelos aos grandes protecções que se fazem a uns em prejuízo de outros, é olhado com desconfiança e sobre ele, à mistura com a crítica venenosa, vem a insídia de que talvez queira ser administrador geral ou cousa equivalente, como se qualquer dessas coisas fosse apenas privilégio dos que se arrumam à política e aos seus protectores. Mas até quando durará tudo isto?

Paulo EMILIO

Pessoal assalariado do Estado

Vai ser-lhe aplicado o decreto dos duzentos

Foi dada ordem a todas as repartições públicas onde haja empregados jornaleiros ou assalariados, para se cumprir o decreto n.º 11.054, de 1 de Setembro último, que mandou reduzir de 10 00, o vencimento

de todos os lados!

Todavia a comissão Pró-regresso dos Deportados realiza na próxima terça-feira, pelas 21 horas a quarta conferência ao citado decreto, no sentido daquela redução ser feita apenas nos salários e jornais do pessoal, a admitir depois do dia 1 do corrente mês.

Lede o Suplemento de "A Batalha"

A obra macabra dos governos da república vai produzindo os seus téticos efeitos — faleceu mais um operário arbitraria eamente enviado para a Guiné.

A atitude da Federação Marítima

Uma entrevista que pela prosa e pelo jornal em que foi inserida define bem atitudes

Na nossa mesa de trabalho tombaram ontem os vários cotidianos. Percorremos-lhos com a vista e detivemos-nos sobre um título sibilino: «Os marítimos contra a C. G. T.». Para connosco dissemos: — O Marítimo, órgão da F. M. Porem estranhámos o formato, o tipo, e desdobrámos o periódico... Era o Século, o órgão das forças vivas, que dava à estampa uma sensacional entrevista, colhida de dois fervorosos adeptos da «unidade sindical», e salpicada com pitadas de veneno do recipiente que no-la apresentou.

Um ataque à BATALHA

Lemos a entrevista desses «dois categorizados elementos da Federação Marítima» com amargor, pela irritação do destino que levou «dois homens despeitados a atacarem a C. G. T. e a A Batalha no mesmo jornal que não encobriu o seu registo pelo assalto, ultimamente perpetrado pela polícia, contra a sede da central operária.

Cai assim a máscara e provado fica que para atingir seus fins, esses elementos dissidentes não vacilam em dar o braço aos seus mentiras, falam os marítimos de verdade em Santarém, expondo uma série de vergonhosas imoralidades. Não desmentem que deram dinheiro aos delegados de Viana do Castelo, que não eram federados, para que votassem por Moscovo; não desmentem também que os descregadores de Alcochete, que até ali não haviam reconhecido, votaram por Moscovo e contra a orientação da C. G. T. depois de terem sido ameaçados de lhe ser negado o trabalho em Lisboa, se doutro modo procedessem, não desmentem ainda, não poderão desmentir, que as classes que trabalham nas margens do Tejo, e pelo seu ramo de actividade estão intimamente ligadas aos frateiros, que ameaçam de lhes negar toda a solidariedade operária desde que não estejam na Federação Marítima.

Estas verdades, grossas como punhos, lançamo-las aqui na Batalha, órgão dos trabalhadores, em contraste com as formidáveis calúnias e mentiras que resvalaram de O Marítimo para O Século das «forças vivas».

Como tomar esses elementos? Ontem, diziam não ser contra a C. G. T. mas contra os «demagogos» do Conselho Confederal; hoje, dizem já não ser possível evitar a scisão no movimento operário. Os entrevistados insinuam constantemente que os militantes discordantes da sua atitude estão deslocados. Apreciamos quem está deslocado; Nos sindicatos marítimos é norma muito respeitada a não invasão de atribuições profissionais e a não admissão ao trabalho dos operários não sindicados. Pois Luís Veríssimo é maquinista fluvial e o seu sindicato foi um dos que se desligaram da Federação Marítima; não obstante, Veríssimo é um dos secretários da Federação Marítima. «Como é nome de que organismos este elemento ocupa tal cargo?»

«Qual é mais correcto? estar na C. G. T. representando um organismo composto por algumas dezenas de trabalhadores que estão de acordo com a orientação do seu representante, ou estar na F. M. na situação de Veríssimo, apenas pelo prazer de contribuir para a desorganização do proletariado, e para gáudio do órgão das «forças vivas»? Afirmando os entrevistados, António Pinto dos Santos e Luís Veríssimo, que a sua Federação tem 30.000 (trinta mil) aderentes e que dirá a adesão de quase todos os sindicatos marítimos. A mentirota é boa para as colunas todo o dia, mas não obstante, Veríssimo é um dos secretários da Federação Marítima. «Como é nome de que organismos este elemento ocupa tal cargo?»

«Qual é mais correcto? estar na C. G. T. representando um organismo composto por algumas dezenas de trabalhadores que estão de acordo com a orientação do seu representante, ou estar na F. M. na situação de Veríssimo, apenas pelo prazer de contribuir para a desorganização do proletariado, e para gáudio do órgão das «forças vivas»?

Que a acautelem os marítimos com estes amigos dos diabos, que usam falar pela boca do jornal que tem forjado todas as perseguições e deportações de operários.

E o mais o tempo o dirá...

Contra a C. G. T.

Já há tempo o Século se serviu de uma calúnia inserida em O Marítimo contra a C. G. T., para fazer a sua propaganda anti-operária. Esse alguém que julga o Estado tem arquivado alguns artigos de justo ataque aos dirigentes da F. M., que não quis publicar por achá-los demasiado incisivos.

Porque o fiquem sabendo os conspícuos fornecedores de venenosas prosas ao órgão das «forças vivas»: A Batalha tem arquivado alguns artigos de justo ataque aos dirigentes da F. M., que não quis publicar por achá-los demasiado incisivos.

Apenas coincidência? Sim, talvez, mas não deixa de ser uma triste coincidência.

Na entrevista, os militantes da C. G. T. são acusados de dogmáticos, de intolerantes, etc., etc.; porém, quem acusa? Criaturas que desceram até às colunas do jornal inimigo máximo de toda a organização operária, inclusivé das marítimos.

Além disso, os delegados, António Pinto dos Santos e Luís Veríssimo, que a sua Federação tem 30.000 (trinta mil) aderentes e que se desligaram da Federação Marítima; não obstante, Veríssimo é um dos secretários da Federação Marítima. «Como é nome de que organismos este elemento ocupa tal cargo?»

«Qual é mais correcto? estar na C. G. T. representando um organismo composto por algumas dezenas de trabalhadores que estão de acordo com a orientação do seu representante, ou estar na F. M. na situação de Veríssimo, apenas pelo prazer de contribuir para a desorganização do proletariado, e para gáudio do órgão das «forças vivas»?

«Qual é mais correcto? estar na C. G. T. representando um organismo composto por algumas dezenas de trabalhadores que estão de acordo com a orientação do seu representante, ou estar na F. M. na situação de Veríssimo, apenas pelo prazer de contribuir para a desorganização do proletariado, e para gáudio do órgão das «forças vivas»?

«Qual é mais correcto? estar na C. G. T. representando um organismo composto por algumas dezenas de trabalhadores que estão de acordo com a orientação do seu representante, ou estar na F. M. na situação de Veríssimo, apenas pelo prazer de contribuir para a desorganização do proletariado, e para gáudio do órgão das «forças vivas»?

«Qual é mais correcto? estar na C. G. T. representando um organismo composto por algumas dezenas de trabalhadores que estão de acordo com a orientação do seu representante, ou estar na F. M. na situação de Veríssimo, apenas pelo prazer de contribuir para a desorganização do proletariado, e para gáudio do órgão das «forças vivas»?

«Qual é mais correcto? estar na C. G. T. representando um organismo composto por algumas dezenas de trabalhadores que estão de acordo com a orientação do seu representante, ou estar na F. M. na situação de Veríssimo, apenas pelo prazer de contribuir para a desorganização do proletariado, e para gáudio do órgão das «forças vivas»?

«Qual é mais correcto? estar na C. G. T. representando um organismo composto por algumas dezenas de trabalhadores que estão de acordo com a orientação do seu representante, ou estar na F. M. na situação de Veríssimo, apenas pelo prazer de contribuir para a desorganização do proletariado, e para gáudio do órgão das «forças vivas»?